

Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. *A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

## **A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais**

### **Community Social Psychology and Southern Epistemologies: a necessary dialogue in neoliberal contexts**

### **Psicología Social Comunitaria y Epistemologías del Sur: un diálogo necesario en contextos neoliberales**

Maximiliano Rodrigues<sup>1</sup>

Andréa Moreira Lima<sup>2</sup>

Marcos Vieira Silva<sup>3</sup>

#### **Resumo**

O presente estudo, de cunho bibliográfico, busca comentar as principais aproximações entre a Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul a partir de perspectivas pós-coloniais. Além disso, pretende-se problematizar os desafios desses campos de conhecimento no desenvolvimento de práticas capazes de contribuir para a emancipação das populações oprimidas. Na primeira parte, propõe-se contextualizar o surgimento e desenvolvimento da Psicologia Social Comunitária no Brasil. Na segunda, são apresentadas as Epistemologias do Sul, suas críticas e contribuições. Em seguida, são discutidas aproximações entre a Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul, bem como os desafios para uma práxis emancipatória. Por fim, conclui-se que, no âmbito da Psicologia Social Comunitária, as perspectivas epistemológicas alternativas ao modelo hegemônico são necessárias para a efetivação de um conhecimento contextualizado e transformador dos sistemas de opressões sociais, em prol de uma sociedade mais justa, equitativa e plural.

**Palavras-chave:** Psicologia Social Comunitária. Epistemologias do Sul. Neoliberalismo. Pós-colonialismo.

#### **Abstract**

---

1 Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. E-mail: maximiliano.rodrigues@hotmail.com.

2 Doutora, mestra e graduada em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio de doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra/Portugal. Professora do Centro Universitário UNA. E-mail: andrea.m.lima10@gmail.com.

3 Professor associado IV, aposentado, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professor voluntário do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ. Integra a coordenação do GT Psicologia Comunitária da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp). E-mail: mvsilva@ufs.edu.br.

*Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

The present study, of a bibliographic nature, seeks to build the main approximations between Community Social Psychology and Epistemologies of the South from post-colonial perspectives. Besides, it is intended to problematize the challenges of these fields of knowledge in the development of practices capable of contributing to the emancipation of oppressed populations. In the first part, it is proposed to contextualize the emergence and development of Community Social Psychology in Brazil. In the second, the Epistemologies of the South are presented; their criticisms and contributions. Next, approximations between Community Social Psychology and Epistemologies of the South are discussed, as well as the challenges for an emancipatory praxis. Finally, we conclude that, in the field of Community Social Psychology, alternative epistemological perspectives to the hegemonic model are necessary for the realization of a contextualized and transforming knowledge of the systems of social oppressions, in favor of a more just, equitable and plural society.

**Keywords:** Community Social Psychology. Southern Epistemologies. Neoliberalism. Postcolonialism.

### **Resumen**

El estudio presente, de carácter bibliográfico, comenta los principales enfoques entre la Psicología Social Comunitaria y las Epistemologías del Sur, desde una perspectiva poscolonial. Además, se pretende problematizar los desafíos de estos campos de conocimiento en el desarrollo de prácticas capaces de contribuir a la emancipación de las poblaciones oprimidas. En la primera parte, contextualiza el surgimiento y el desarrollo de la Psicología Social Comunitaria en Brasil. En la segunda parte, se presentan las Epistemologías del Sur, sus críticas y contribuciones. A continuación, se discuten las aproximaciones entre la Psicología Social Comunitaria y las Epistemologías del Sur, así como los desafíos para una praxis emancipadora. Finalmente, se concluye que, en el ámbito de la Psicología Social Comunitaria, son necesarias perspectivas epistemológicas alternativas al modelo hegemónico para la realización de un conocimiento contextualizado y transformador de los sistemas de opresión social, en pro de una sociedad más justa, equitativa y plural sociedad.

**Palabras clave:** Psicología Social Comunitaria. Epistemologías del Sur. Neoliberalismo. Poscolonialismo.

O modelo de ciência moderna dos países do Norte tornou-se hegemônico não só na produção acadêmica, como também na prática de validação e consideração dos saberes sociais. Todas as experiências e produções que não fazem parte dos cânones científicos são marginalizadas e descredibilizadas, sobretudo quando vindas dos povos do Sul. Isso acabou gerando o epistemicídio de diversas vivências não alicerçadas nos paradigmas do ocidente europeu (Simas & Rufino, 2018).

Jessé Souza (2009) afirma que a ciência herdou de maneira expressiva a “autoridade” que antes era direcionada às religiões para estabelecer e legitimar diversos padrões sociais – como as pessoas devem viver, manter relações, construir suas casas, cuidar do corpo e da mente, entre outros. Nessa lógica, a soberania científica consegue definir os preceitos comportamentais e sociais para uma vida “adequada”, ocultando, diversas vezes, situações de injustiça e desigualdade.

A Psicologia, como ciência e profissão, também vem operando na lógica da soberania científica em muitos contextos e intervenções. Devido a isso, várias críticas são direcionadas ao seu compromisso com as classes elitistas. No Brasil, a Psicologia foi regulamentada no ano de 1962, dois anos antes do início da ditadura militar. Na época, os psicólogos empregavam, majoritariamente, técnicas de controle e adaptação da população. Nesse sentido, a Psicologia também estava enquadrada aos preceitos da ciência ocidental tradicional.

Entretanto, como afirma Bock (2009), em todo o contexto de desenvolvimento da Psicologia brasileira

existiram movimentos – embora minoritários – progressistas. Contudo, a mudança de paradigma só seria obtida nos anos 1970, com a criação da Psicologia Comunitária. A Psicologia Comunitária possibilitou um avanço porque propôs o desenvolvimento dos saberes e fazeres a partir da realidade brasileira e das experiências dos povos oprimidos. Podemos citar, a título de exemplo, a articulação de psicólogos com os movimentos sociais e com as associações de moradores de periferias, buscando, principalmente, a efetivação de direitos humanos e de cidadania.

Epistemologias do Sul<sup>4</sup> se referem aos campos teóricos que buscam intervir de maneira ética e política na transformação da realidade dos povos marginalizados. Tais preceitos, objetivos e desafios são comuns à Psicologia Social Comunitária. A partir disso, por meio de revisão bibliográfica, o presente ensaio propõe uma articulação teórica para analisar as principais aproximações e problematizar os principais desafios, tendo em vista que o compromisso ético-político de ambos os campos é o mesmo: produzir um arcabouço teórico e prático na busca pela conquista de uma sociedade mais justa e solidária.

### **Psicologia Social Comunitária: uma práxis com compromisso social**

Nos primórdios da Psicologia Social Brasileira e Latino-americana duas perspectivas epistemológicas predominavam. A primeira, originária dos Estados Unidos, denominada Psicologia Social Psicológica, focava sua análise nos processos cognitivos

<sup>4</sup> O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global – Europa e América do Norte (Santos & Menseses, 2009, p. 12).

*Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

– individuais – e deixava o campo social em segundo plano. A outra vertente, oriunda da Europa, era denominada de Psicologia Social Sociológica e focava nos aspectos sociológicos – fenômenos dos grupos sociais –, deixando as dimensões psicológicas como pano de fundo na análise teórica (Jacó-Vilela, 2007).

Na década de 1970, surgiram vários movimentos em toda a América do Sul que criticavam essas perspectivas em Psicologia Social. As importações de conhecimentos e metodologias não eram suficientes para produzir uma contribuição significativa para os povos latino-americanos. Era preciso pensar a realidade brasileira e dos países vizinhos com base em seu contexto social. A situação de ditadura e miséria que muitos países sul-americanos estavam vivenciando demandava uma Psicologia comprometida com uma mudança social – era preciso superar essas condições políticas, econômicas e sociais que causavam muito sofrimento e morte. “Na América Latina, as ditaduras decretavam a morte civil em grande parte dos países do continente. A experiência de viver nesse contexto de repressão e sofrimento provocou, por parte de alguns intelectuais, questionamentos quanto à responsabilidade social da Psicologia” (Scarparo & Guareschi, 2007, p. 104).

A partir disso, foi evidenciada a necessidade de criação de outras práxis em Psicologia Social, o que gerou uma crise nesse campo. Já era evidente, para uma minoria progressista, que as metodologias importadas dos países desenvolvidos proporcionavam pouco efeito na vida dos brasileiros, assim, surgem diversas perspectivas críticas em Psicologia Social: Psicologia Social Crítica, Psicologia da Libertação, Psicologia Social Comunitária (PSC), Psicologia Sócio-Histórica e Psicologia Política. Todas essas perspectivas nascem envolvidas com esses

questionamentos epistemológicos, com a produção de metodologias participativas e com um posicionamento de compromisso social com a realidade dos povos latino-americanos. Buscam desenvolver e analisar espaços de produção de sujeitos, partindo de práticas educativas e de experiências desenvolvidas com grupos comunitários e institucionais, em uma perspectiva de educação problematizadora, na esteira das proposições de Paulo Freire, buscando, permanentemente, o envolvimento e participação da população com programas e políticas públicas de desenvolvimento social e saúde coletiva.

Assim, houve uma mudança na perspectiva da Psicologia Social no Brasil e na América Latina, na qual a Psicologia Social Comunitária e as demais perspectivas críticas tiveram (e vêm tendo) uma participação significativa. A PSC surge na busca de responder às necessidades dos povos latino-americanos, procurando contribuir para a emancipação das classes oprimidas e para a diminuição da desigualdade social (Freitas, 2000). Para isso, era preciso superar a hegemonia das ciências do Norte, possibilitando uma abertura e legitimidade de novos paradigmas científicos produzidos no Sul global. Ou seja, houve uma necessidade de ultrapassar os modelos tradicionais de ciência e suas perspectivas de suposta neutralidade para uma práxis contextualizada, política e ética.

### **As Epistemologias do Sul: contribuições pós-coloniais para uma ciência crítica**

As Epistemologias do Sul têm se desenvolvido a partir da aproximação e articulação com o pensamento pós-colonial. Isto é, para além das problematizações acerca da epistemologia tradicional, essas perspectivas têm questionado a hegemonia das epistemologias dominantes produzidas no hemisfério Norte global.

Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. *A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

Ao pensar a partir das margens, o trabalho dos pesquisadores na tradução cultural, ou transcultural, atravessa fronteiras, ao estabelecer uma crítica em relação à imposição de hierarquias, presumidamente universais e essencializantes, que excluem determinados grupos sociais, estigmatizados e marcados simbolicamente e socialmente como inferiores. Desde o século XVI, os colonizadores impuseram ao Brasil uma maneira colonizada de pensar, utilizando o poder religioso e militar, assim como outras formas de exploração que perduram na contemporaneidade, símbolo da dominação do Ocidente sobre o resto do mundo (Jardim & Cavas, 2017).

O pensamento pós-colonial é um processo de luta contínua pela produção de construções alternativas de saber. Trata-se de uma escolha teórico-política de rompimento com os conteúdos epistemológicos que contribuem para construção de instituições e relações sociais de opressões, por meio de marcadores sociais ou pelas configurações geopolíticas ainda tão desiguais. Nesse sentido, Walsh (2009) destaca a importância de sustentar um posicionamento contínuo de transgressão dos saberes hegemônicos ultrapassados e da insurgência de novos saberes que alarguem a representatividade das diversas vozes que têm produzido outros saberes. Contudo, Ballestrin (2013) adverte que o pensamento pós-colonial não deve ser interpretado como uma recusa ao saber produzido no Norte global, mas como a sua ampliação:

O processo de decolonização não deve ser confundido com a rejeição da criação humana realizada pelo Norte Global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no Sul [...]. Ele pode ser lido como contraponto e resposta à tendência histórica da divisão de trabalho no âmbito das ciências sociais, na qual o Sul Global fornece experiências, enquanto o Norte Global as teoriza e as aplica [...]. Essa busca tem informado um conjunto

de elaborações denominadas Teorias e Epistemologias do Sul. (Ballestrin, 2013, pp. 108-109).

Walsh (2009) problematiza a postura moderna de colonialidade que insiste em manter o conhecimento científico hegemonicamente masculino, branco, europeu ou norte-americano como os únicos saberes legítimos e capazes de produzir verdades sobre a vida humana. A autora ressalta que essa lógica esteve presente no processo dominante da globalização por meio da ilusão da construção de um mundo homogêneo em direção ao progresso. Nesse sentido, Jardim & Cavas (2017) ressaltam que os feminismos pós-coloniais, ainda tão pouco visibilizados no Brasil, têm contribuído para o reconhecimento da produção de teorias e de práticas contra hegemônicas, especificamente, aquelas produzidas por mulheres subalternizadas nas relações de poder, tais como mulheres negras, indígenas, rurais, periféricas, lésbicas e transgênero.

Dessa forma, o termo “pensamento pós-colonial” é utilizado para demarcar as influências das perspectivas de pensamento que defendem o rompimento para com as práticas e os saberes colonizadores, independentemente das especificidades dessas perspectivas. Por isso, mais do que diferenciar tais perspectivas, importa nesse momento compreender como o pensamento pós-colonial contribui para o desenvolvimento das chamadas Epistemologias do Sul (Santos, Menezes, & Nunes, 2005).

Trabalhar as Epistemologias do Sul é propor epistemologias alternativas ao modelo hegemônico e contextualizadas com a realidade local, evidenciando os diversos conhecimentos existentes no globo terrestre. As alternativas à epistemologia dominante partem do princípio de que o mundo possui uma diversidade de saberes e fazeres e que,

longe de ser algo negativo, isso acaba por proporcionar uma significativa capacidade humana para entender e conferir suas experiências sociais. Ou seja, as variadas formas de conhecimentos potencializam o agir e o produzir dos sujeitos no seu convívio social (Santos & Meneses, 2009).

Nesse sentido, para as Epistemologias do Sul, é importante considerar e apreciar a validade e contribuição de “todos” os saberes. No entanto, é essencial recusar o relativismo de que todos os conhecimentos são significativos e se equivalem. O que vai dizer da qualidade de um saber é sua validade e seu efeito na vida prática das pessoas. Nenhum conhecimento deve ter o privilégio de ser considerado o mais adequado ou válido – ou melhor, sem que seja submetido às avaliações de suas consequências e efeitos no cotidiano de sua aplicação (Nunes, 2009).

É importante ressaltar que muitas pessoas e grupos que dispunham de outras formas de saber foram ignorados, silenciados e deixados de lado, vítimas do epistemicídio baseado na hegemonia do cânone epistemológico ocidental. Contudo, o projeto de uma Epistemologia do Sul foi criado e desenvolvido por meio de uma forte crítica ao cenário em questão. Assim, há uma oposição a todas as formas de soberania epistêmica. É mais que necessário considerar as experiências e produções das pessoas que vivem nos países do Sul – essas vivências são potentes em transformar a realidade dos oprimidos (Nunes, 2009).

Simas e Rufino (2018) reforçam que as ações do colonialismo europeu-ocidental proporcionaram o desmantelamento identitário, cognitivo e emocional de milhares de pessoas e comunidades. A agenda colonial, de maneira perversa, criou um sistema capaz de descredibilizar e marginalizar as diversas possibilidades de existência e de conhecimento. Há um

direcionamento à morte, seja ela física, pelo extermínio, seja simbólica, por meio do desvio existencial. Assim, é fundamental saímos do conforto epistemológico e nos lançarmos na análise e compreensão dos diversos saberes. É preciso superar o modelo de educação limitador que impossibilita uma visão adequada das diversas epistemologias.

O projeto de uma Epistemologia do Sul é indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos atores históricos no Sul global, sujeitos coletivos de outra forma de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados [...]. Nesta perspectiva, o que conta como conhecimento é muito mais do que a epistemologia convencional – e a sua crítica, mesmo a “naturalística” – admite. O reconhecimento da diversidade de formas – obriga a redefinir as condições de emergência, de desenvolvimento e de validade de cada uma dessas formas, incluindo a ciência moderna, que passa assim a ser objeto de uma avaliação situada que obriga à “sistematização” radical de todos os saberes. (Nunes, 2009, p. 257).

Sendo assim, as Epistemologias do Sul exploram o legado do pragmatismo, pois partilha a ideia da não dissociabilidade da produção de conhecimento e da intervenção transformadora do mundo, ou seja, o saber é considerado relevante quando aplicável e funcional. As Epistemologias do Sul se posicionam ao lado dos subalternos e oprimidos, por intermédio do envolvimento ativo contra as desigualdades e opressões aos povos (Nunes, 2009). Nessa perspectiva, é preciso lutar contra o capitalismo, o colonialismo, o patriarcado, o racismo, o classismo e as demais lógicas de opressão perpassadas nos modos de subjetivação que não estão identificados com os paradigmas dominantes.

## **A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: aproximações na produção de saberes pós-coloniais**

Algumas aproximações entre a Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul podem ser perfeitamente explicitadas. A primeira é que ambas nascem e se desenvolvem a partir de uma crítica aos paradigmas hegemônicos e colonizadores na produção e validação do conhecimento. A PSC é construída a partir de questionamentos de uma importação de metodologias norte-americanas e europeias – essa generalização de técnicas era acrítica e não produzia resultados emancipatórios. Em relação às Epistemologias do Sul, também há uma crítica em relação à supremacia da ciência ocidental, como sendo aquela que legítima e produz o “verdadeiro” conhecimento – eis um pensamento abissal;<sup>5</sup> eis um mecanismo de controle e exclusão.

Para Santos (2009), o pensamento abissal torna invisível as formas de conhecimentos que não estão de acordo com os preceitos da ciência moderna. Os saberes populares, dos camponeses, dos índios e das minorias populares são classificados como irrelevantes por estarem além do universo do verdadeiro ou falso, estabelecido pelos cientistas. Quer dizer, a experiência e criação não delineadas nos cânones científicos não são reconhecidas como conhecimentos; são crenças, opiniões, magias, idolatrias e, na melhor das hipóteses, podem se tornar objetos de estudo ou matéria para as pesquisas científicas.

Uma segunda relação diz do compromisso ético que permeia a práxis da PSC e das Epistemologias do Sul. Para

trabalhar na perspectiva da PSC, é necessário que os profissionais tenham um compromisso ético e político diante da comunidade. Produzir as estratégias que facilitarão os processos de mudanças humanas e sociais, em conjunto com as pessoas que vivem no contexto de intervenção, é o principal objetivo de tal perspectiva. No tocante às Epistemologia do Sul, o engajamento político, ético e social contra os mecanismos de opressão é o caminho a ser seguido e trabalhado.

No livro “Epistemologias do Sul”, Mama (2009) afirma que os cientistas dos países subdesenvolvidos e emergentes precisam ser proativos e sair da marginalidade epistêmica. É fundamental ultrapassar a tradição liberal de neutralidade e desenvolver uma ética mais radical – criticar e interpelar ativamente as hegemonias globais. Uma ética significativa refere-se a uma análise dos efeitos das práticas de produção de conhecimento; quer dizer, é preciso questionar os critérios de classificação utilizados pelas metodologias; a quem elas servem, como estão sendo realizadas e quais os efeitos na vida das pessoas.

Nesse sentido, como afirma Mayorga (2007), a PSC é oriunda de uma dupla insatisfação. A primeira, com o modelo teórico e metodológico da Psicologia Social Psicológica, perspectiva que colocava o pesquisador em uma posição falsamente objetiva e neutra. Outra insatisfação era em relação às situações sociais dos povos latino-americanos, pois as péssimas condições de vida e os sofrimentos da população, a partir de experiências de exploração e opressão,

<sup>5</sup> Para Boaventura de Souza Santos, no que se refere à epistemologia, o pensamento abissal funda-se na linha abissal-epistemológica – que apresenta duas dimensões, uma interna e outra externa. A primeira coloca todos os saberes como não científicos nos campos da ignorância, crença e superstição. A segunda amplia essa desqualificação, por meio da apropriação de alguns desses saberes, condicionando-os à validação no tribunal da soberania epistêmica ocidental – da ciência moderna e nos preceitos do Norte (Nunes, 2009).

denunciavam a importância de uma mudança social.

O terceiro ponto de convergência está relacionado à visão e construção dos conhecimentos. Para as Epistemologias do Sul, existe uma diversidade de saberes que necessitam ser compreendidos e credibilizados. A oposição a qualquer soberania epistêmica é um dos objetivos, ou seja, as experiências dos povos oprimidos proporcionam interlocuções e criações de conhecimentos. De acordo com Nunes (2009), na perspectiva das Epistemologias do Sul, a avaliação de um determinado conhecimento depende de como afeta a condição dos subalternos.

Em consonância com esses preceitos, a PSC parte do pressuposto de que o conhecimento significativo está situado no contexto comunitário, isto é, a população que vive no cenário da intervenção é que detém o saber capaz de contribuir para as estratégias de mudança. Por esse ângulo, a Psicologia precisa construir suas ações em conjunto com as pessoas da comunidade. Montero (1984) afirma que é importante que os psicólogos entendam que só a comunidade é capaz de garantir o projeto de transformação, assim, os interventores não podem agir com autoritarismo e paternalismo ou como cientistas que detêm um saber soberano em relação ao contexto de ação.

Destarte, problematizar a relação de saber-poder desigual entre os países do Norte e do Sul global diante dos processos de produção dos conhecimentos aponta para a importância do reconhecimento dos aportes teóricos e metodológicos produzidos pelos pesquisadores do campo da PSC desenvolvida na América Latina. Tal perspectiva fortalece a visibilidade dos saberes pós-coloniais que na atualidade têm alargado a compreensão da complexidade humana e de suas relações.

## **Psicologia Social Comunitária e Epistemologias do Sul: desafios em comum**

A luta contra os sistemas que causam opressão e desigualdade social permeia todo o pensamento da Psicologia Social Comunitária e das Epistemologias do Sul. Nesse ponto observa-se, ao mesmo tempo, o maior desafio para esses campos. Como seria possível produzir estratégias de reconhecimento, criação e desenvolvimento de saberes que vão na contramão do sistema capitalista, do patriarcado e do colonialismo? Ou ainda, de que maneira é imaginável e exequível construir conhecimentos que proporcionam uma emancipação e libertação dos povos oprimidos que vivem em um modelo neoliberal que controla e massifica os corpos e as mentes?

O filósofo Byung Han realiza uma análise muito significativa para o entendimento do sistema neoliberalista. Em tal sistema, as pessoas são levadas a um sentimento de total liberdade e, no entanto, estão em um estado de controle absoluto. A liberdade e comunicação ilimitadas são, na verdade, monitoramentos e controle dos corpos e das mentes. O neoliberalismo sofisticou a relação de produção e consumo, levando o ser humano ao contínuo processo de autoexploração (Han, 2018; Han, 2019).

De acordo com Han (2018), há uma passagem do sujeito ao projeto. O eu, enquanto projeto, acredita na libertação das coerções e restrições impostas pela sociedade. O que está em jogo é o desempenho e a otimização. Nesse sentido, o sujeito do desempenho, que acredita em sua liberdade, é um servo pleno e acrítico, pois, sem um senhor, explora a si mesmo sem nenhuma reflexão. O neoliberalismo é um sistema bem eficiente na exploração da pessoa, da sua liberdade – é esse tipo de exploração que proporciona o maior lucro. A vida em sociedade é baseada em



competições e concorrências; o que gera a multiplicação do capital.

Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar do regime neoliberal: não permite que emergja resistência ao sistema [...]. No regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionário, mas sim em depressivos. (Han, 2018, p. 16).

Atualmente, como ressalta Han (2019), as lutas entre os/as grupos/classes são esvaziadas, dando lugar à competição entre as pessoas, em uma perspectiva individual e de mercado, pois “O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e se vê submetido à coerção destrutiva de ter de superar-se. Aqui o desempenho não é colocado em relação ao outro” (Han, 2019, p. 79). Assim, o agir grupal e as lutas coletivas entram em um plano de ameaça e enfraquecimento. Eis um importante triunfo do neocapitalismo.

Em conformidade com as ideias do filósofo Han, Rolnik (2018) apresenta um pensamento capaz de proporcionar uma análise do sistema neoliberal e de produzir propostas de resistência às perversidades deste. A saber, a autora ressalta que o capital se apropria da vida, de sua essência germinativa e sua potência de criação e transformação, ou seja, é a própria pulsão individual e coletiva, de novas formas de existência, que o capital explora. Esse monopólio, além de econômico, é cultural e subjetivo – o que mostra a perversidade de tal sistema.

O capitalismo colonial faz com que os questionamentos e frustrações que surgem em relação aos problemas e questões sociais sejam adulterados e mitigados no processo de análise, pois, ao se apropriar das potências de criação, por meio do

“inconsciente colonial-capitalístico”,<sup>6</sup> a pessoa é persuadida a não desenvolver um pensamento crítico e emancipatório. O que ocorre é um deslocamento pulsional para um nível de autoculpabilização e para uma resolução efêmera que se aplica à lógica de produção e consumo. Quando existe um questionamento, também há uma interrupção na criação de uma consciência crítica (Rolnik, 2015).

No entanto, o sistema neoliberalista cria brechas que proporcionam movimentos com vieses no campo da luta e da transformação. A perversão do sistema colonial e capitalista sempre ultrapassa o limite do tolerável, isso acaba por proporcionar surgimentos de grupos e movimentos que lutarão contra o sistema hegemônico criador de desigualdade e exploração social. Contudo, a mudança não pode ocorrer somente na esfera macropolítica, mas na “reconstrução do comum”, definido como o “campo imanente da pulsão vital de um corpo social” (Rolnik, 2018, p. 33). Em outras palavras, a mudança deve ocorrer a partir da reapropriação coletiva da essência e da potência que foram colonizadas pelo sistema neoliberal.

Compreender as ideias como processos constantes de reflexão e construção contribui para proporcionar uma análise sobre possibilidades de transformação social diante das escolhas escassas. Apesar de a Psicologia Social Comunitária trabalhar na perspectiva de uma facilitação de processos de conscientização em relação aos mecanismos de opressão, e as Epistemologias do Sul proporem uma ecologia de saberes para superação da violência estrutural, ambas não desenvolveram teorias que permitem reflexões sobre uma manipulação no processo germinativo da pulsão. Talvez esse seja um bom indicativo para novos estudos pós-coloniais perante os desafios impostos pelo sistema capitalista e neoliberal vigente.

## Considerações finais

No contexto neoliberal, a ciência ocidental, sobretudo dos países do Norte, tornou-se um sistema de julgamento e validação do que é ou não significativo no campo do conhecimento. Isso acabou gerando descrédito e silenciamento de inúmeras experiências e produções realizadas pelos povos dos países subdesenvolvidos. Nesse sentido, a ciência tradicional instituiu-se, na maioria das vezes, como um sistema de controle e reprodução de ideologias repressoras.

A Psicologia, na condição de um campo científico e profissional, também é perpassada por um histórico de perspectivas e ideologias dominantes. Os psicólogos brasileiros, em sua maioria, desde a década de 1960, têm trabalhado objetivando atender as elites e suas demandas sociais. Além disso, as generalizações e reproduções de teorias norte-americanas e europeias, sem uma análise crítica, política, ética e contextualizada, demonstram o pouco compromisso com a realidade do povo latino-americano.

Contudo, o questionamento e o entendimento do sistema opressor que organiza o mundo – o neoliberalismo – são fundamentais para tecer estratégias de enfrentamento e de mudança. Nessa direção, na atualidade, existem perspectivas contra hegemônicas significativas que estão realizando um constante movimento de crítica em relação à ciência como ajuizadora das diversas experiências e possibilidades de vivência, criação e transformação humana. Essas perspectivas também lutam contra todos os sistemas de opressão social e de colonização dos saberes e práticas. Destaca-se que a Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul são campos que

pertencem a esses movimentos e compartilham dessas lutas.

Essas perspectivas alternativas ao modelo hegemônico, que propõem lutar contra os sistemas de opressão humana, necessitam de atores que constroem o conhecimento com implicação transformadora e posicionamento ético e político. Caminhar na contramão do pensamento dominante e colonizador é uma tarefa difícil, exige esforço e, muitas vezes, proporciona solidão, mas esse percurso é potente na tentativa de mudanças sociais, na busca por uma sociedade mais justa, plural e igualitária. É por essa lógica de pensamento e práxis que a Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul têm caminhado juntas.

## Referências

- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.
- Bock, A. M. B. (2009). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock. *Psicologia e compromisso social* (pp. 15-28). São Paulo: Cortez.
- Freitas, M. (2000). Psicologia na comunidade, Psicologia da Comunidade e Psicologia (Social) Comunitária: Práticas da Psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In R. H. Campos (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à*

<sup>6</sup> O “inconsciente colonial-capitalístico” pode ser definido como “a política de inconsciente dominante nesse regime, a qual atravessa toda sua história, variando apenas suas modalidades junto com suas transmutações e suas formas de abuso da força vital de criação e cooperação (Rolnik, 2018, p. 36).

Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. *A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

- autonomia* (pp. 54-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Han, B. C. (2018). *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Barcelona: Herder.
- Han, B. C. (2019). Topologia da violência. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jacó-Vilela, A. M. (2007). O estatuto da Psicologia Social: contribuições da História da Psicologia Social. In C. Mayorga & M. A. M. Prado. *Psicologia Social: articulando saberes e fazeres* (pp. 37-54). Belo Horizonte: Autêntica.
- Jardim, G. S., & Cavas, C. S. T. (2017). Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. *Ponto e Vírgula*, 1(22), 73-91. Recuperado de <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2017i22p73-91>.
- Mama, M. (2009). Será ético estudar a África?: Considerações preliminares sobre a pesquisa acadêmica e liberdade. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 529-557). Coimbra: Almedina.
- Mayorga, C. (2007). Revisitando a Pedagogia do oprimido: contribuições à Psicologia Social Comunitária. In C. Mayorga & M. A. M. Prado. *Psicologia Social: articulando saberes e fazeres* (pp. 63-80). Belo Horizonte: Autêntica.
- Montero, M. (1984). La Psicología Comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teóricos. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 16(3), 387-400.
- Nunes, J. A. (2009). O resgate da epistemologia. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 239-265). Coimbra: Almedina.
- Rolnik, S. (2015). *Pensar a partir do saber-do-corpo. Uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial*. In Casa do Povo, uma proposição de Suely Rolnik. São Paulo.
- Rolnik, S. (2018). O inconsciente colonial-capitalístico. In S. Rolnik. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (pp. 28-41). São Paulo: N-1 edições.
- Santos, B. S. (2009). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 23-72). Coimbra: Almedina.
- Santos, B. S., Meneses, M. P. (2009). Introdução. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 9-20). Coimbra: Almedina.
- Santos, B. S., Menezes, M. P. G., & Nunes, J. A. (2005). Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In B. S. Santos (Ed.). *Semear outras soluções: Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais* (pp. 21-122). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Scarpato, H. B. K., & Guareschi, N. M. F. (2007). Psicologia Social Comunitária profissional. *Psicol. Soc.*, 2(19), 100-108. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000500025>.

Rodrigues, M., Lima, A. M., & Silva, M. V. *A Psicologia Social Comunitária e as Epistemologias do Sul: um diálogo necessário em contextos neoliberais*

Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula.

*nuestra época*. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala.

Souza, J. (2009). Como o senso comum e a “brasilidade” se tornam ciência conservadora?. In J. Souza *et al.* *A ralé brasileira: quem é e como vivem* (pp. 49-72). Belo Horizonte: UFMG.

Recebido em: 27/5/2020

Aceito em: 16/8/2022



A revista PPP está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

Walsh, C. (2009). *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de*